

✦ **Lives of girls and women: subjetividade feminina e estratégias de resistência**

Profa. Dra . Maria Conceição Monteiro\*

mcmont@bighost.com.br

UERJ Nas últimas décadas do século XX, os estudos canadenses concentraram-se na discussão sobre a “identidade canadense”, numa tentativa de mostrar a necessidade de sua construção. Entretanto, contemporaneamente a questão tem sido objeto de revisão: trata-se não mais de construir uma identidade ausente, mas de tomar a identidade como articulação de diferença suprimida ou sujeitada a tradições e convenções dominantes estrangeiras, particularmente oriundas da Europa e dos Estados Unidos.

Vale ressaltar aqui alguns paralelos entre a situação histórica da mulher e a do Canadá enquanto nação, uma vez que a experiência política de poder da mulher e a sua relação problemática com tradições patriarcais de autoridade têm grandes afinidades com a atitude daquele país frente ao imperialismo cultural dos Estados Unidos, assim como a sua ambivalência em relação à herança européia.

Observa-se que a herança colonial das línguas e culturas inglesas e francesas complica-se devido às origens múltiplas da população canadense, resultado de padrões multi-éticos de imigração. Conseqüentemente, a questão da herança é problematizada na literatura canadense, em que tentativas de revisão são discutidas através do conhecimento de que a autodefinição pode somente acontecer em tradições que são questionadas.

Essa revisão, juntamente com a emergência de estratégias pós-modernistas, contribuiu para o surgimento de novas vozes na cena literária canadense. Por outro lado, o pós-colonial é percebido como uma ameaça à tradição, por reexaminar estruturas de poder e hierarquias do público, do pessoal e do privado que, na realidade, colocam as escritoras canadenses numa posição feminista. Assim, a escritura pós-colonial sublinha a complexidade das organizações sociais, pondo em relevo não somente a posição dos silenciados, mas também a daqueles que possuem somente uma voz convencional. Vê-se, então, que o dilema das teorias feministas e pós-coloniais está em encontrar uma voz própria, sem negar as vozes alheias.

Algumas escritoras canadenses, como Alice Munro (1935), apropriaram-se de estruturas genéricas da ficção curta como forma de expor a grande variedade de estratégias narrativas para discutir questões de alteridade e diferença. A autora trabalha uma forma narrativa que tenta conectar certos eventos com os modos diversos por que são percebidos, englobando, assim, disparidades e contradições dentro do mesmo espaço ficcional, sem, entretanto, perder de vista aquele espaço externo que sempre resiste às acomodações que a ficção oferece.

Assim, em *Lives of girls and women* (1971), a escritora canadense reconhece que “É um choque, quando se lida de forma tão hábil e poderosa com a realidade, voltar e encontrá-la ainda lá (p. 247). Paradoxalmente, é uma percepção da incompletude da estrutura ficcional que impulsiona os seus narradores a contar histórias, suas e outras, com uma certa tendência a revisar e suplementar, reconhecendo que “[...] a esperança de precisão que se traz à tarefa é sempre louca” (p. 249). Talvez, a mais importante revelação das histórias de Munro é a da coexistência do estranho com o comum, de tal modo que tudo é ao mesmo tempo tocável e misterioso. Ou seja, suas narrativas refletem a eclosão do extraordinário no ordinário.

Dessa forma, no universo narratológico da escritora canadense, o leitor pode deparar-se com o seguinte:

Então o meu pai dirige e o meu irmão fica na espreita de coelhos, e eu sinto a vida do meu pai jorrar para fora do carro, no final da tarde, escurecendo e tornando-se estranha, como uma paisagem que possui um encantamento sobre ela, fazendo-a suave, comum e familiar enquanto olhamos para ela, mas ao virarmos, ela se transforma em algo que nunca saberemos, com todos os tipos de tempos e distâncias que não podemos imaginar (1983, 18).

Esse processo de transformação do tocável em misterioso é o método ficcional adotado para o mapeamento de mundos alternativos. As narradoras são fascinadas por espaços escuros, com histórias escandalosas de transgressão e desejos. Em *Lives of girls and women*, por exemplo, pode-se observar essa dupla visão quando a narradora, Del Jordan, descreve a cidade da sua adolescência, Jubilee: “A vida das pessoas em Jubilee, como em qualquer outro lugar, era — como cavernas profundas, pavimentadas com linóleo de cozinha —, monótona, simples, espantosa, insondável” (p. 249).

Observa-se que tal percepção expõe os limites da ficção realista convencional ao desafiar superfícies domésticas, insinuando aquilo que se esconde ou se omite no espaço ordenado da vida social de uma cidade pequena. Vê-se, assim, que, se para o realismo o mundo é descritível e inteligível, em vez de estranho, para o gênero gótico a fantasia desafia essa crença, criando formas diferentes que sublinham os medos e desejos subjetivos, tornando visível o que é sempre invisível e silenciado no mundo convencional do cotidiano (cf. Jackson: 2000, 4).

Entretanto, convém ressaltar que tanto o realismo quanto a fantasia são construções impostas à realidade, e cada uma dessas construções oculta algo que a outra exhibirá. Dessa forma, na ficção de Alice Munro, quando nem o realismo nem a fantasia é o discurso privilegiado, as duas formas coexistem sem se conectarem, o que sinaliza a resistência a qualquer solução narrativa final (cf. Howells: 2003, 74). A fantasia, por conseguinte, pode ser vista tanto como uma forma de fugir das restrições convencionais, como pode ser usada para garantir o espaço interno necessário para refazer imagens do ser, bem como para renegociar as conexões entre o eu e o mundo externo. Trata-se, pois, de um discurso oblíquo, carregado de segredos, silêncios e sublimações. Essas estratégias de evasão tornaram-se recursos literários poderosos para as escritoras, à medida que lhes permite expressar sentimentos tradicionalmente proibidos às mulheres.

Como o próprio título sugere, *Lives of girls and women* contém histórias de mulheres, transformadas em crônicas pela protagonista narradora, que conta também a sua própria história, particularmente a fase que vai da infância à adolescência, em Jubilee, Ontario. Os fragmentos de que se compõe a obra relatam as resistências secretas das mulheres às normas de uma cultura masculina, e a maioria deles versa sobre ambições frustradas ou colapsos emocionais. Todos revelam momentos em que a mulher é ao mesmo tempo alienada em relação às estruturas tradicionais de autoridade e capazes de criticá-las, como é o caso, entre outros, das tias solteironas de Del, que “[...] respeitavam o trabalho do homem acima de qualquer coisa, mas riam dele também” (p. 32).

A personagem Del Jordan é herdeira dessa tradição de repressão e guerra praticadas nos limites da conformidade social, mas aquilo que a diferencia das outras mulheres é que, através da oportunidade educacional que a vida lhe proporcionara, teve a chance de se desviar dos estereótipos de gênero, resistindo não somente às imposições da tradição masculina, mas também às normas de comportamento da tradição cultural feminina, criando, dessa forma, novas e ambiciosas tramas para a sua história pessoal.

Ironicamente, é pela resistência à sua mãe que Del encontra o caminho que vai confirmar a previsão otimista da própria mãe: “[...] vem aí, creio eu, uma mudança nas vidas das meninas e das mulheres. Sim. Mas cabe a nós fazer acontecer. Tudo que as mulheres tiveram até agora foi a sua conexão com os homens. Tudo o que tivemos” (p. 173).

As escritoras canadenses contemporâneas, como se vê no caso em análise, são conscientes do seu legado cultural masculino e feminino. Assim, Alice Munro compartilha dessa ambivalência em relação à ficção realista que caracteriza o texto das mulheres desde o século XVIII. Embora ela se aproprie da

forma gótica nas suas narrativas, procura revisar e revitalizar o gênero, ao mesmo tempo que retém o seu caráter original de ameaça, mistério e marginalidade. Daí o universo da pequena cidade de Jubilee construído em *Lives of girls and women*, por onde passa o rio Wawanash da sua infância, povoado por trabalhadores de fazendas ou madeireiras transformados em vilões góticos, onde o medo de assaltos, estupros e assassinatos é matéria diária dos jornais e das intrigas do lugar.

Assim, o romance gótico, com a sua trama sadomasoquista, serve de componente importante de fantasia para as personagens criadas por Alice Munro, ainda que a autora veja no gênero uma estrutura não muito confiável. Ressalte-se que o fracasso de Del ao tentar escrever um romance gótico sobre a cidade de Jubilee deve-se à sua percepção daquilo que o gótico na versão tradicional negligencia: as coisas comuns da vida e a sexualidade da mulher.

Sabe-se que, se por um lado a ficção gótica setecentista é obcecada com o sexo, por outro, ao relatar histórias de heroínas fugindo de homens predadores, relaciona o conhecimento da mulher ao medo e à inocência, refutando, desse modo, o desejo físico como componente das suas fantasias. Por isso, Munro, ao escrever sobre a realidade do corpo feminino, procura reduzir a lacuna entre a experiência e a tradição literária que tem atribuído à mulher a posição de objeto, apagando a sua sexualidade (cf. Godard: 1987, 77).

Um dos pontos mais importantes na obra de Alice Munro é a circunstância de a autora não restringir a fantasia gótica a uma realização exclusiva da mulher, e sim transformá-la em experiência vivenciada por mulheres e homens. De fato, em *Lives of girls and women* a experiência fantástica é vivida pelo homem, tio Benny, o empregado do pai de Del, o sujeito excêntrico da primeira história. Del o vê como um vilão gótico, docemente sádico, com o “rosto predatório delicado” (p. 2) e sua casa no subúrbio, de fachada comum, porém gótica por dentro, com abundância de móveis destruídos e cheiro de desintegração, que Del descreve como “rica bagunça sombria” (p. 4). É aí, na casa de tio Benny, nesse universo secreto, que Del se deleita na leitura de jornais carregados de crimes sensacionalistas e “horror divertido e versátil” (p. 5) como é o caso da notícia sobre a esposa que manda “[...] o torso do marido, embrulhado num papel de natal, pelo correio, para a sua namorada na Carolina do Sul” (p. 5). Esse é o mundo de tio Benny, selvagem e estranho, como a garota com quem se casa por correspondência. Depois, tem-se a narrativa da mal sucedida viagem que o tio Benny faz de Jubilee a Toronto, em busca da esposa que o abandona sem motivo aparente, levando o leitor a acreditar que mundos bizarros são contingências das mentes que os constroem e habitam. Dessa forma, aquilo que tio Benny vê, segundo a narrativa de Del, é uma Toronto sinistra:

Assim, paralelo ao nosso mundo estava o mundo de tio Benny, como um reflexo distorcido e perturbado, o mesmo mas nunca de todo o mesmo. Nesse mundo as pessoas podiam afundar na areia movediça, ser tragadas por fantasmas ou cidades comuns terríveis; sorte e maldade eram elementos gigantes e imprevisíveis; nada era merecido, tudo podia acontecer; derrotas eram encaradas com satisfação louca. Era o seu triunfo, mesmo sem saber, nos fazer ver (p. 26).

É esse, de fato, o triunfo da arte narrativa de Del: fazer o leitor sentir o tenebroso mundo alternativo que é compartilhado pelo reprimido e pelo proscrito, tanto do sexo feminino quanto do masculino.

*Lives of girls and women*, assim, se integra ao universo literário setecentista e oitocentista, com o qual dialoga — em que as narrativas tantas vezes focalizam a história da transformação da menina em mulher, como em *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë —, ao mesmo tempo que problematiza a questão da mulher enquanto Outro, no sentido discutido por Simone de Beauvoir sobre o “tornar-se” uma mulher, que tem estruturado o debate contemporâneo sobre a subjetividade feminina. Nesse sentido, a obra reescreve textos góticos, sublinhando a construção de gênero. Atém-se a uma série de condições e valores ligados aos arredores geográficos onde vive Del, tanto em Flats Road quanto em Jubilee, valores esses ligados à terra, à comunidade religiosa, à educação durante a guerra e à própria condição de vida, depois dos anos 30 do século passado.

Dessa forma, observa-se que o processo de engendramento\* de Del é construído através das meninas

e mulheres à sua volta. Não só através das suas personalidades, mas dos seus discursos, rituais e associações. Ao explorar essas figuras de mulheres, o tom neogótico de humor irônico paira sobre imagens grotescas, sinalizando, assim, a negação do status do sujeito, pois para Del todas as mulheres na sua comunidade são problemáticas, o que lhe deixa sem modelo para seguir. Como exemplo, tem-se Madeleine, que aponta para o terror doméstico: uma jovem mãe que usa violência contra a filha e é lembrada como “Madeleine! A louca” (p. 23). Nesse cenário de mulheres, vê-se também a prima Mary Agnes, mentalmente perturbada, vítima da violência masculina. E é através dela que Del desperta para a violência, momento dramatizado em cena narrada com pinceladas vampirescas. Significativamente, Del vê a própria atitude como um gesto de autoliberação — “Quando morde Mary Agnes senti que me mordida também, me limpando de tudo” (p. 46) —, lembrando o que Ellen Moers (1979) sugere como o aspecto físico da “selvageria da menina”, no gótico feminino.

Del Jordan explora assim o poder da fantasia, na tentativa de criar mundos alternativos, desejos, romances. Na história intitulada “Baptising”, Del apaixona-se por Garnet French, no último ano do 2º grau. O namoro deve ser visto no contexto do seu próprio desenvolvimento e das suas resistências às imagens de mulher que são oferecidas a ela pela sociedade: “O sexo me parecia um entregar-se — não o entregar-se da mulher para o homem, mas o da pessoa para o corpo, um ato de pura fé, liberdade e humildade (p. 215). A fantasia erótica, portanto, é concebida como parte da experiência sexual das mulheres e dos homens, ainda que tais experiências se contradigam, em função de vacilações entre cumplicidade e resistências.

Observe-se que em *Lives of girls and women*, a experiência vivida é uma interação aberta entre o corpo e o mundo. Para Simone de Beauvoir, essa experiência não é totalmente determinada pelos números diferentes de situações em que o ser é colocado, antes consiste da história de todas interações do ser. Para a filósofa francesa, há muito as ciências sociais e biológicas não mais admitem a existência de traços fixos e imutáveis que seriam inerentes a certos grupos humanos, como aqueles constituídos por mulheres, negros, e outros. A ciência considera qualquer característica como reação que depende, em parte, de uma “situação” (Beauvoir: 1997, 4). Ou seja, considerar a mulher como uma realidade não fixa é admitir que, como ser humano, ela está sempre em processo de tornar-se o que é.

E é através dessa tensão que Del experiencia a subjetividade como que interligada às condições de sua vida. Desse modo, ainda numa perspectiva beauvoiriana, perspectiva retomada pela teórica feminista Toril Moi (1999), a subjetividade é uma forma de ser no mundo. Cada mulher fará sempre algo daquilo que o mundo faz dela, o que soa tanto como limitação quanto como liberdade. Assim, a relação de Del com o corpo e a subjetividade será sempre contingente. E é esse registro gótico de contingência que sustenta as experiências nas vidas das meninas e das mulheres.

Como conclusão, podemos dizer que a narrativa de Alice Munro encena o desenvolvimento da subjetividade feminina, que se manifesta pela insaciável necessidade da protagonista de inventar e reinventar personagens para si própria, algumas idealizadas e imaginárias, outras criadas como forma de resistência aos modelos tradicionais de comportamento e atitudes reservados para as mulheres. Assim, retomando e atualizando a fantasia gótica, recria o mundo e a si própria

#### Referência Bibliográfica

BEAUVOIR, Simone. *The second sex*. London: Vintage, 1997.

GODARD, Barbara. Heirs of the living body: Alice Munro and the question of female aesthetic. In: MILLER, J., ed. *The art of Alice Munro: saying the unsayable*. Waterloo: University of Waterloo Press, 1987.

HOWELLS, Coral Ann. *Contemporary Canadian women's fiction*. New York: Macmillan, 2003.

JACKSON, Rosemary. *Fantasy: the literature of subversion*. London: Routledge, 1981.

MOERS, Ellen. Literary women. Oxford: Oxford University Press, 1985.

MOI, Toril. What's a woman? and other essays. Oxford: Oxford University Press, 1999.

MUNRO, Alice. Lives of girls and women. New York: Penguin Books, 1984 [1971].

\* Sobre a autora

Maria Conceição Monteiro possui Pós-Doutorado em Literatura Inglesa pela UNESP, sendo Doutora em Literatura Comparada pela UFF. É Professora Titular de Literaturas de Língua Inglesa da UERJ. É autora de *Na aurora da modernidade: a ascensão dos romances gótico e cortês na literatura inglesa* (Rio de Janeiro: Ed. Caetés, 2004), *Sombra errante: a preceptora na narrativa inglesa do século XIX* (Niterói: EdUFF, 2000) e diversos ensaios publicados em livros e periódicos. Pesquisa, atualmente, sobre o gênero gótico nas literaturas contemporâneas de língua inglesa.

---

\* Para Susanne Becker (1999), os discursos de “engendramento” do sujeito são, basicamente, os de ritos de passagem, através da família, da sexualidade, da religião e da educação.